



Dra. Margarita Durán Estragó
Paraguai

1972: Ocupação de terras no meio da ditadura militar.

O episódio mais marcante da minha participação nas Ligas Agrárias Cristãs da Cordilheira foi a ocupação Mariscal López. Um dia, o pároco de Piribebuy, Monsenhor Higinio Medina, chegou ao Colégio para me dizer que os camponeses haviam ocupado um campo comunitário. Ele me pediu para acompanhá-lo porque as mães pediram minha presença. Eu fui com o que eu estava vestindo... vi as pessoas em tanto perigo e aterrorizadas, com a promessa da polícia de que chegariam com caminhões para levá-los à força. Ao atravessar o cerco da polícia e ouvir o povo, o pároco e o padre Juan Pablo Amarilla começaram a voltar. Refleti assim: Se eu ajudei essas pessoas a acordar, a tomar conhecimento de sua dignidade e direitos, como eu poderia abandoná-los em um momento como esse? Então, sem pensar duas vezes, eu disse aos padres: "Vou ficar com eles." Mas o padre da paróquia me disse que não havia garantia. E eu fiquei apesar do bloqueio militar, apesar do perigo e da oposição do pa'i. Estive com eles durante os 15 dias da ocupação.

[...] Um dia ouvimos de longe o barulho de um veículo se aproximando. Quando soubemos que os homens seriam levados pela polícia, rapidamente os colocamos atrás de nós, todas as mulheres nos colocamos na frente, com as crianças pequenas em nossos braços. O comissário foi em frente com o povo da Delegação do Governo para tentar nos convencer a deixar o lugar. O medo era grande, mas não permitiríamos que os homens fossem levados. As mulheres ficaram firmes na frente do acampamento. Conseguimos empurrá-los de volta.

[...]

Naquela época eu era uma jovem indefesa, mas com o hábito religioso eu era considerada a autoridade do grupo e eu tinha que tirar forças de onde eu não tinha. De longe, estou espantada... como fui capaz de assumir firmemente e corajosamente tal liderança? Isso me faz refletir sobre a necessidade que temos de valorizar os jovens, de orientar suas potencialidades, sua capacidade de servir aos mais vulneráveis. Tantos jovens passam seus melhores anos de vida sem sonhos, sem objetivos, sem bússola.

2012- atual: Curuguaty

“Camponês sem-terra não é camponês. Queremos plantar feijão, mandioca e milho para que todos tenham o que comer. Graças às pessoas que nos apoiam frente à injustiça, não conseguiram e nem conseguirão matar nossos sonhos. Nós somos presos políticos e queremos que vocês sejam nossos porta-vozes”.

- O massacre de Marina Kue, no distrito de Curuguaty, em que o assassinato premeditado de 17 pessoas - 11 camponeses e seis policiais - abriu caminho para o golpe jurídico-midiático-parlamentar contra o presidente Fernando Lugo uma semana depois.
- Para termos a dimensão do “confronto”: envolveu de um lado 324 policiais, tropas de elite armadas com fuzis, bombas de gás, capacetes, escudos e até helicóptero e de outro, 60 trabalhadores sem-terra, metade deles mulheres, crianças e anciões, e algumas espingardas de caçar aves que nem chegaram a ser disparadas.
- 11 camponeses foram presos. Seis anos depois, no dia 28 de julho de 2018, foram absolvidos das acusações pela Corte Suprema.

Conforme pesquisa da historiadora Margarita Durán Estragó, “quem invadiu terras que não lhe pertenciam, numa completa agressão ao Estatuto da Terra e à própria soberania alimentar, foi Blas Riquelme, com seus mais de 75 mil hectares”. Margarita mostrou cápsulas de projéteis de grosso calibre encontrados no local por familiares e destacou “o mais completo descaso da perícia, que a única coisa que quis e fez foi manipular provas para condenar inocentes”.







UE en Paraguay ✅ @UEe... · 3d ▾
Felicitamos a la defensora de
Derechos Humanos, Margarita
Durán Estragó por la labor
realizada a favor de los presos de
Curuguaty.



9,512 reproducciones